

Raiz em uma Terra Seca

2ª parte

A DESOLAÇÃO E MORTE DO INVERNO

A Idade Escura

(590-1294)

NOTA DO AUTOR:

Chegamos agora àqueles capítulos da história da Igreja que, infelizmente, serão dolorosos para qualquer leitor católico romano sincero. Procurei ser honesto e franco tanto na exposição dos fatos como nas avaliações desses fatos. Porém, sinceramente espero que nem os fatos nem minhas avaliações venham de forma alguma ofender os muitos milhares de sinceros irmãos católicos romanos que fazem parte do atual derramamento do Espírito Santo no século vinte.

Estes capítulos da história são simplesmente necessários se quisermos entender a busca por reforma e restauração, dentro e fora da Igreja Católica Romana no século XVI. Nenhuma ofensa pessoal à consciência de qualquer pessoa foi intentada; mas, sim, unicamente, uma investigação aberta dos fatos da história.

Esta fascinante era da história da igreja medieval pode ser dividida em dois períodos principais: a ascensão do papado, de Gregório I a Gregório VII (590-1050) e a era do papado absoluto, de Gregório VII a Bonifácio VIII (1050-1294).

Ascensão da Igreja Católica Romana

Os historiadores tem dois motivos principais para a supremacia do Cristianismo Romano sobre o Cristianismo Grego e para a consequente ascensão do papado romano: (1) a queda do Ocidente diante das hordas

bárbaras, e (2) a queda do Oriente diante dos muçulmanos.

No Oriente, somente na Síria, dez mil prédios da Igreja Católica Grega foram destruídos ou tornaram-se mesquitas muçulmanas nesta época. As igrejas de Tertuliano, Cipriano e Agostinho no norte da África foram praticamente erradicadas pelo Islamismo. Somente o salvamento miraculoso da Europa com o triunfo do famoso franco Carlos Martel, em Tours, em 732, preservou as igrejas latinas ocidentais do mesmo destino sofrido pelas igrejas gregas orientais sob o golpe esmagador do Islamismo. E a mutilação do Catolicismo Grego no Oriente só fez acentuar a ascensão incontida do Catolicismo Romano no Ocidente.

No Ocidente, a queda final do Império Romano em 476 diante dos bárbaros teutônicos realmente infundiu nova força e vitalidade no exaurido e decadente Império Romano. Muitos dos invasores bárbaros já eram cristãos arianos e, com o passar do tempo, um número considerável se tornou católico, o que por fim aumentou grandemente o poder do paladino do Catolicismo ocidental, o Bispo de Roma.

O ano de 432 presenciou o início do trabalho missionário de na Irlanda, levando parte da ilha a unir-se à igreja do Continente e a Roma. Em 496, Clóvis, rei dos francos, foi batizado na Igreja Católica juntamente com três mil de seus soldados. Em 563 Columba iniciou obras missionárias na Escócia. Em 587, Recaredo, o rei visigodo da Espanha, se converteu do arianismo à fé católica. Missionários irlandeses zelosos foram os instrumentos que levaram o Evangelho e a Igreja ao sul e centro da Alemanha. Portanto, nos anos 700 houve a conversão das tribos germânicas ao Catolicismo e os reis francos Pepino e Carlos Magno fizeram grandes concessões de terra (os estados papais) ao Bispo de Roma. Nem é preciso dizer que em muitos lugares esse benefício à Igreja Católica foi de pouco proveito para o Reino de Deus.

Foi simplesmente mais um passo em direção à secularização da Igreja Católica iniciada séculos antes sob poder de Constantino. O Catolicismo estava agora ainda mais saturado com um grande número de pessoas não convertidas e idólatras que na verdade trariam consigo, para dentro do Catolicismo, uma nuvem negra de opressão demoníaca e de atividade de espíritos malignos que agravariam seu declínio na Idade Escura. Essas massas nominalmente "convertidas" substituíram seu paganismo por símbolos cristãos. Em vez de adorarem seus deuses

pagãos, elas agora veneravam imagens e relíquias, "a mãe de Deus", anjos, mártires e santos. A prática apostólica de orar em favor dos santos degenerou-se em oração aos santos. O fetichismo pagão foi substituído pela adoração de relíquias: os ossos dos mártires, suas roupas, e os instrumentos de seu martírio. A principal relíquia sagrada era a cruz de Cristo que dizia-se que Helena, mãe de Constantino, teria descoberto em Jerusalém em 326. Peregrinos devotos vindos de Jerusalém carregaram pedacinhos da cruz para todo o Império Romano e, com o tempo, chegou a haver pedacinhos suficientes para várias cruzes.

A idolatria pagã achou seu correlativo na veneração de imagens e figuras de Cristo, de Maria, dos apóstolos e dos santos. Esse abuso foi tão grande e alarmante que finalmente se tornou a fonte de mais outra dolorosa controvérsia e divisão entre as Igrejas Gregas e Latina, a chamada controvérsia iconoclastia. Beijavam imagens e figuras, diante delas acendiam-se velas e pessoas se prostravam, adorando não a realidade divina e abstrata, mas a própria imagem. Para a mentalidade pagã "cristianizada", a Ceia do Senhor deveria ser vista não mais como um simples sacramento, mas agora como um "sacrifício".

Cria-se na purificação de almas pelo fogo num lugar debaixo da terra. Começaram a surgir basílicas elaboradas, em substituição aos templos pagãos. Ao contrário da mentalidade apostólica, Deus não habitava mais nos corações dos homens apenas, mas também em construções de pedra e madeira. Sacerdotes católicos paramentados substituíram as ordens dos sacerdotes pagãos paramentados nos ofícios desses templos. E assim não era difícil para um pagão, quer romano, grego ou bárbaro, transferir-se do paganismo para o Catolicismo. Geralmente nada mudava a não ser a semântica. As práticas para muitos eram quase as mesmas.

Monasticismo

A adoção do Cristianismo como a religião do estado sob o poder de Constantino no quarto século e a queda do Império Romano diante das invasões das hordas bárbaras pagãs no quinto século saturaram as fileiras da Cristandade com impureza e mundanismo. As almas mais devotas e honestas buscaram alívio e refúgio na reclusão dos mosteiros e nas ordens monásticas que foram criadas na Idade Média.

Desde os Beneditinos em 529 aos Cluniacenses voltados para a reforma em 910, a Bernardo Claraval em 1115, aos Franciscanos e aos Dominicanos do século XIII, essas ordens monásticas se tornaram centros de luz e conhecimento, arte e música, e desenvolvimento espiritual e renovação. Elas ainda aumentaram a força da Igreja Católica, pois se opunham a qualquer coisa, boa ou má, que ameaçasse a Igreja. Também, numa medida significativa, elas preservaram a verdadeira luz do Senhor Jesus dentro do sistema religioso vertiginosamente decadente e ignorante.

Ascensão do Papado Romano

A ascensão do papado medieval é, em si mesmo, um estudo objetivo de intriga política e engenho humano, apesar de durante todo o tempo ter-se crido que ele fosse "para a glória de nosso Deus e para a honra de sua Igreja". Para entendermos a ascensão do papado medieval, devemos conhecer alguma coisa sobre os quatro grandes arquitetos do sistema papal — Leão, o Grande, Gregório I, Gregório VII e Inocêncio III. Já consideramos o enigmático Leão, o Grande, do século anterior (440-461), e sua luta pela supremacia sobre os outros patriarcas da Igreja e sua vasta reivindicação pela suprema liderança nas igrejas Católicas.

Gregório I, que seguiu a mesma linha um século e meio mais tarde, tem sido apropriadamente chamado "o último dos bispos romanos e o primeiro dos papas romanos" e, como tal, ele marca o início da ascensão do papado medieval na terra. Ele, como Leão, é um enigma, espiritualmente falando. Ele se opôs ao título de "bispo universal" dado a João, o Patriarca de Constantinopla, assumindo, em vez disso, para si o título de "servo dos servos de Deus". Em seguida ele considerou a si mesmo "o vigário de Cristo na terra". O historiador Philip Schaff resume Gregório como "monástico, ascético, devoto e supersticioso, hierárquico, arrogante e ambicioso, porém humilde diante de Deus".

Um verdadeiro enigma.

Poderoso pregador, hábil teólogo agostiniano, político astuto e organizador eclesiástico, Gregório se sobressai em primeiro lugar como um organizador missionário. O arcebispado de Canterbury com sua famosa catedral foi estabelecido durante seu pontificado depois do

batismo do Rei Etelberto de Kent e de dez mil de seus súditos através dos trabalhos de uma equipe de 40 missionários patrocinados por Gregório e liderados pelo monge Agostinho, companheiro e amigo pessoal de Gregório. Além de alcançar a Inglaterra, sob o poder de Gregório, a influência da Sé Romana também se estendeu à França, Espanha e África.

Um século depois de Gregório, vemos também a conversão das tribos germânicas ao Catolicismo e à obediência ao Bispo de Roma. O monge britânico Bonifácio, "apóstolo aos germanos" (672-755), trabalhou fielmente na Turíngia, Bavária e Hesse para trazer as tribos germânicas à submissão da autoridade da Igreja de Roma. Ele fundou dioceses, construiu templos, mosteiros e escolas, de acordo com o padrão romano, e foi consagrado arcebispo de Mogúncia em 732, servindo fielmente aos interesses de Gregório III, Bispo de Roma.

Perto do final do século oitavo toda a Saxônia alemã foi compelida a abraçar o Cristianismo por decreto de Carlos para "converter os saxões pela Palavra e pela espada". Em um dia, 4.500 saxões foram decapitados por sua resistência, o que resultou em trinta anos de derramamento de sangue e revolta.

O final do século oitavo presenciou a união entre o Papado e os reis franco-germânicos que iria então preparar o caminho para a disputa posterior entre o Santo Império Romano e a Santa Igreja Católica Romana pela supremacia política mundial. Em 752, Pepino II, "o Breve", foi coroado rei pelo representante papal (legado). E no dia de Natal do ano 800, na Igreja de São Pedro em Roma, o Papa Leão III coroou Carlos Magno imperador do Santo Império Romano, um ato que pontífices romanos usariam nos séculos vindouros como um argumento para sua reivindicação de autoridade suprema sobre todos os reis e reinos da terra.

Nos anos seguintes à morte de Carlos Magno, foram iniciados esforços missionários vitais. Ansgar (801-865) trabalhou na Escandinávia (Dinamarca, Noruega e Suécia). Os Bálcãs búlgaros sob o poder de seu rei, Bóris, que fora batizado em 864, adotaram o Cristianismo nos anos 800. Por algum tempo ainda indeciso entre Constantinopla e Roma, Bóris finalmente escolheu aliar-se espiritualmente ao patriarca de Constantinopla — um ganho definitivo para a Igreja Grega na Europa oriental. (Por volta do ano 1.000 toda a Rússia também estaria cristianizada sob o guarda-chuva da Igreja Grega.)

A Luta

A longa história da ascensão dos bispos romanos e sua reivindicação pela supremacia mundial é a história de duas lutas amargas. A primeira delas foi inicialmente pela supremacia dentro da Cristandade sobre os patriarcas da Igreja Grega, especialmente Constantinopla. A segunda luta foi pela supremacia no Santo Império Romano sobre os governantes das nações. Esta longa história revela com bastante clareza até que ponto a liderança da Igreja se desviara da simplicidade do Cristianismo neotestamentário.

Esta discrepância entre o modelo do Novo Testamento e o modelo do período medieval mina as reivindicações da Igreja Romana de ser a verdadeira igreja apostólica que prosseguiu durante os séculos seguintes transmitindo a verdadeira e santa autoridade apostólica através de uma linha ininterrupta de santos bispos romanos. Na verdade, os fatos dolorosos da história revelam homens cujas ações e declarações indicam que de maneira alguma eles tiveram raiz ou ramo no Reino de Deus. Ao contrário, a história tristemente revela que esses homens foram de fato incapazes de espiritual e moralmente transmitir a verdadeira e santa fé apostólica e autoridade de Jesus aos homens. E com exceção de uma pequena minoria que foi pura em seu coração, a igreja apostólica na verdade parou de existir. Esta é a desolação e morte do inverno, a Idade Escura.

O nono século viu a circulação das infames "Falsas Decretais de Isidoro". Decretais era o termo usado para decretos papais e anúncios oficiais; e esta coleção específica, supostamente datada do primeiro século, foi atribuída ao célebre prelado e escritor Isidoro de Sevilha. O objetivo dessas decretais espúrias era sustentar as reivindicações exageradas que estavam sendo feitas na época pelo papa em favor da sua supremacia na igreja e no estado. O poder do papado romano foi quase que totalmente construído sobre esse falso fundamento.

A partir da Renascença, no século quinze, os estudiosos compreenderam que os documentos eram espúrios; mas essa constatação não afetou em nada o imponente edifício erigido sobre os falsos fundamentos. Igualmente falsas foram as Doações de Constantino,

um documento que circulou um século antes das Decretais, que declarava que o Imperador Constantino recebera o batismo do Papa Silvestre em 325. (Na verdade Constantino fora batizado no seu leito de morte em 337 por um bispo ariano!).

Por sua vez, Constantino supostamente dera a Silvestre supremacia absoluta sobre todas as igrejas da Cristandade e supremacia material sobre Roma, toda a Itália e Europa Ocidental. O propósito fraudulento desta falsificação era obviamente fortalecer a noção dos séculos oitavo e nono da supremacia papal mundial. O Papa Nicolau I (858-867) foi o primeiro papa a tirar total proveito desses falsos documentos, declarando orgulhosamente, "que aquilo que o papa decidir é para ser observado por todos".

Ele e seus sucessores buscaram não somente interferir nas decisões eclesiásticas, mas também nas decisões políticas dentro do Império. Tal comportamento somente serviu para acender a chama ardente de intriga e desordem política que tristemente envolveu o papado durante este período. O próprio papado foi seriamente afetado, tanto que papa sucedeu a papa em rápida sucessão, sendo muitos deles aprisionados e mortos pela violência. Nesta mesma hora escura ocorreu uma tragédia. Três mulheres aristocráticas, Teodora, a mãe e suas duas filhas, Morózia e Teodora, controlaram o papado, preenchendo a cadeira papal com seus amantes e, a seguir, com seus filhos ilegítimos.

Os relatórios chocantes de suas imoralidades com os papas e príncipes do Catolicismo têm sido francamente admitidos por honestos historiadores católicos e permanecem como uma mancha profunda no papado romano. E ainda, por um período, de 1044 a 1046, o Catolicismo teve três papas rivais ao mesmo tempo — Benedito IX, Silvestre III e Gregório VI. Embora a história tristemente revele a intriga, imoralidade, violência, ambição e fraude que reinaram no meio da igreja e do bispado romano, ainda se fazia a reivindicação de ininterrupta sucessão, supremacia e infalibilidade apostólicas.

Isto pode ser visto na declaração de Gregório VII (Hildebrando), eleito papa em 1073: "A Igreja Romana foi fundada somente por Deus; somente o papa romano tem o direito de ser chamado universal e somente ele pode usar a insígnia imperial; somente seus pés podem ser beijados por todos os príncipes; ele pode depor os imperadores e ele

mesmo não pode ser julgado por ninguém; a Igreja Romana nunca errou nem errará por toda a eternidade!"

O Grande Divisor de Águas

Como temos notado, a deterioração do relacionamento entre a Igreja Católica Grega e a Igreja Católica Romana teve suas raízes no segundo e terceiro séculos, baseada na diferença entre a teologia grega de Orígenes e a teologia latina de Tertuliano e Cipriano. E também já observamos a crescente rivalidade entre os dois homens mais poderosos e ambiciosos de toda a Cristandade, o papa de Roma e o patriarca de Constantinopla.

A metade do século nono ainda testemunhou Fócio, Patriarca de Constantinopla, e Nicolau I, Papa de Roma, excomungando um ao outro. Este cisma foi temporariamente sanado pelo Sínodo de Constantinopla em 869.

Mas em 16 de julho de 1054 ocorreu a ruptura final quando os legados romanos foram a Constantinopla em nome do papa romano, Leão IX, e colocaram sobre o altar-mor da Igreja de Sofia um decreto final de excomunhão e sacudiram o pó de seus pés ao deixarem o prédio. O Patriarca de Constantinopla, Miguel Cerulário, respondeu excomungando o Bispo de Roma.

Os problemas básicos foram claramente os esforços carnais de homens ambiciosos por reconhecimento e supremacia. Porém, as razões técnicas apresentadas para a ruptura foram o costume romano de usar pão asmo na Ceia do Senhor, a omissão do "Aleluia" na liturgia durante a Quaresma, se a confissão deveria ser que o Espírito Santo "procedeu do Pai" somente ou "do Pai e do Filho", e a permissão que o clero grego tinha para se casar, o que contrariava a insistência romana sobre o celibato! E assim se concretizou o cisma que tem permanecido sem solução até o dia de hoje.

O Poder Papal Absoluto e Sua Queda

O período seguinte de 200 anos (1073-1294), conhecido como a era do poder papal absoluto, estendeu-se de Gregório VII a Bonifácio VIII. Aqui temos o papado no auge de seu poder.

Gregório VII (1073-1085), em sua mais renomada ação, forçou o Imperador Henrique IV da Alemanha a permanecer descalço na neve em Canossa, vestido como um humilde penitente, implorando o perdão do Papa por ter se oposto a ele. (Em vingança, porém, o Imperador Henrique no final banuiu o Papa Gregório para morrer no exílio em 1085, e elegeu um antipapa, Clemente III, em seu lugar.)

Em 1177 o Imperador Frederico Barba-Rubra ajoelhou-se em Veneza para beijar os pés do Papa Alexandre. Esses dois eventos prepararam o caminho para o papado alcançar o auge do seu poder na época do Papa Inocêncio III (1198-1216), que se proclamou e se coroou como "vigário de Cristo" na terra e ergueu-se como o líder todo-poderoso, submetendo todos os governantes à sua autoridade. O rei João da Inglaterra e o poderoso Filipe da França foram humilhados e obrigados a se curvar diante dele.

O auge do poder absoluto do papado continuou por ainda outro século até o tempo de Bonifácio VIII (1294-1303). Bonifácio fez uma declaração ambiciosa em sua bula, Unam Sanctam, que revela até que ponto chegou a noção de poder absoluto. Ele declarou: "...a sujeição de toda criatura humana ao papa romano é inteiramente necessária para a salvação". A maioria dos crentes consideraria esta reivindicação de poder absoluto sobre as almas dos homens pelo papado como blasfema.

E de fato, durante o próprio reinado de Bonifácio, não somente foi desafiada esta reivindicação, mas toda a estrutura do absolutismo papal começou a ruir como castelos de areia diante da maré cheia da resistência. Em 1303 Bonifácio VIII foi destronado por Filipe o Belo, rei da França, para morrer pouco depois na prisão.

Durante os setenta anos seguintes, de 1309 a 1376 (um período conhecido como "Cativo Babilônico"), o papado existiu em seu exílio na França sob o controle político francês. Mal tinha terminado este escândalo, um escândalo maior, conhecido como "O Grande Cisma", começou. Durante os próximos quarenta anos (1378-1417), o Catolicismo teve dois papas e dois colégios de cardeais, um anatematizando ao outro. Em 1409 um concílio ecumênico foi convocado em Pisa onde um novo papa, Alexandre V, foi eleito, ficando então o Catolicismo com três papas, os três anatematizando um ao outro! O Concílio de Constância acabou

finalmente com o cisma em 1417, depondo todos os três papas anteriores e elegendo um quarto papa, Martinho VI. O resultado de todas essas manobras públicas foi um visível abalo da credibilidade papal, o que levou muitos a concluir na época que sua autoridade absoluta era um mito. E um novo vento começou a soprar, à medida que os primeiros sinais de primavera começaram a aparecer depois de um longo, desolado e tenebroso inverno. Deus estava soberanamente começando a se mover na terra!

QUESTIONÁRIO PARA DISCUSSÃO EM GRUPO CAPÍTULO 7

1. Quais os dois períodos principais em que história da Igreja na era medieval pode ser dividida?
2. Cite duas razões principais para a prevalência do Catolicismo Ocidental sobre o Catolicismo Oriental e a subsequente ascensão da supremacia papal.
3. Por que a "conversão" das tribos bárbaras provou ser negativa para a Igreja Católica?
4. Comente a causa da ascensão do monasticismo medieval. Cite alguns monges destacados. Que contribuição positiva resultou dos mosteiros?
5. Quem são os quatro grandes arquitetos do sistema papal medieval?
6. Contraste rapidamente o caráter e a ênfase dos papas romanos medievais com o caráter e a ênfase dos apóstolos de Cristo do primeiro século.
7. O que são as "Falsas Decretais de Isidoro" e as "Doações de Constantino"? O que se erigiu sobre esses falsos fundamentos?
8. Qual foi o motivo básico existente há muito tempo para o Grande Cisma entre a Igreja Católica Grega e a Igreja Católica Romana em 1054?
9. Qual o período conhecido como a era do papado absoluto?
10. Qual a declaração ousada e extrema de Bonifácio VIII, que produziria o golpe soberano da mão de Deus sobre o papado?

CAPÍTULO 8

OS PRIMEIROS SINAIS DE PRIMAVERA

A Aurora da reforma

(1100-1500)

De uma perspectiva histórica, é interessante notar que as reivindicações extremas do papado absoluto medieval obtiveram apoio na época de escuridão intelectual e espiritual conhecida como Idade Escura. E um fato poderoso da história é que a libertação destas reivindicações autoritárias do papado medieval aconteceu durante o período da história conhecido como Iluminismo — no qual ocorreu a iluminação intelectual, espiritual e moral durante o renascer intelectual e escolástico da Europa. Este período, mais comumente chamado de Renascença, ocorreu paralelamente e a uma crescente demanda por reforma dentro da Igreja.

E tanto a Reforma como o Renascimento ocorreram paralelamente ao declínio do papado, cada um dos três contribuindo um com o outro à medida que a escuridão foi sendo absorvida pela luz. Obviamente, quanto mais iluminação os homens têm, menos eles podem ser induzidos a crer naquilo que não é verdade.

As Cruzadas (1096-1270)

É bem provável que o movimento mais fatal do papa Gregório VII tenha sido a iniciação dos conceitos que no fim deram à luz as oito Cruzadas para libertar a Terra Santa das mãos dos turcos infiéis. Visando a esse fim, a primeira cruzada provavelmente foi a única que teve algum sucesso, e isto com um alto preço. Seiscentos mil homens deixaram a Europa em 1096. Desses, somente sessenta mil completaram a jornada e alcançaram Jerusalém três anos mais tarde. No final das contas, podemos determinar o valor dessas Cruzadas como uma das causas mais pronunciadas da erosão final do papado absoluto.

As Cruzadas estimularam a exploração geográfica, introduzindo a era das proezas de Marco Polo (1295), Cristóvão Colombo (1492), Vasco da Gama (1487) e Fernando Magalhães (1520). A exploração, por sua vez, incentivou o comércio de mercadorias que, por sua vez, incentivou as

indústrias e o surgimento de uma nova classe de comerciantes, banqueiros e artesãos. Esses, então, incentivaram novas formas de governo nacional forte — forte demais para ser controlado pela Igreja.

As Cruzadas também estimularam a curiosidade intelectual da Europa que deu à luz o crescimento da liberdade de pensamento e o surgimento de universidades, do escolasticismo e da imprensa. Todas essas coisas ajudaram a romper as cadeias de escuridão e superstição que mantiveram a Europa algemada à ficção. Acima de tudo, o gigante adormecido da Europa estava começando a se levantar de sua profunda sonolência e livrando-se de sua tediosa preguiça. Esta foi, de fato, uma era de renascimento, quando surgiram os primeiros sinais de primavera espiritual.

O Escolasticismo e as Universidades

Os anos 1100 presenciaram uma verdadeira virada no desenvolvimento cultural e intelectual da Europa. Através das Cruzadas e estimulado pelo contato com a cultura greco-árabe, o escolasticismo (uma nova inquirição intelectual) se levantou na Europa, o qual culminaria na Renascença e na Reforma. Através de toda a Europa surgiram universidades: novos centros de cultura e conhecimento. Bolonha e Paris foram os primeiros modelos, com outras surgindo sob sua sombra, tais como Montpellier na França, Glasgow, Praga, Viena, Heidelberg, Colônia, Copenhague, Oxford e Cambridge. Os mais notáveis entre os escolásticos foram Anselmo de Canterbury (1033-1109); o místico Bernardo Claraval (1091-1153); Hugo de Santo Victor (1097-1141); Pedro Lombardi (1100-1164); Tomás de Aquino (1227-1274); Boaventura (1221-1274); Rogério Bacon (1214-1294); e Guilherme de Occam (1280-1347).

Vozes de Dissidência

Os Albigenses no sul da França e os Valdenses no norte da Itália foram dois movimentos reformistas que surgiram nos anos 1100, clamando contra o que eles consideravam os elementos espúrios e extra bíblicos do Catolicismo e defendendo um retorno à pureza e simplicidade do Novo Testamento. Os Albigenses, aparentemente heréticos, foram expurgados da França por Inocêncio III e os Valdenses

foram excomungados e muito perseguidos pelo Papa Alexandre III, mas se tornaram os precursores dos Hussitas (seguidores de João Hus), da Boêmia.

Guilherme de Occam (1280-1347), o franciscano inglês cujos conceitos influenciaram fortemente Lutero dois séculos mais tarde, escrevera e ensinara na reformista Universidade de Paris que o papa não é infalível, que a Santa Escritura é a única fonte infalível de fé e conduta, e que o papa e a Igreja são subordinados ao estado em todas as questões seculares.

João Wyclif (1320-1384), "a estrela da manhã da Reforma inglesa", sacerdote católico romano e hábil estudioso da Universidade de Oxford, ensinou que a justificação era somente pela fé no Salvador crucificado, e que a Escritura era a única fonte de verdade. No que diz respeito à Igreja, ele ainda declarou que "a única cabeça da Igreja é Cristo. O papa, a não ser que governe no espírito do evangelho, é o vigário do anticristo... A hierarquia, ávida por poder... que reivindica santidade religiosa especial, não tem base nas Escrituras".

Ele rejeitou a transubstanciação. Negou a infalibilidade da Igreja Romana. E falou contra a confissão, o purgatório, a adoração dos santos e a veneração de relíquias, considerando tudo isso não bíblico. Wyclif deu também ao povo britânico a primeira tradução inglesa completa da versão da Bíblia conhecida como Vulgata, e também enviou evangelistas leigos para instruir o povo nas santas verdades das Escrituras. João Wyclif foi condenado por um dos papas fantoches franceses de Avignon, Gregório XI, em 1377, mas o parlamento inglês impediu que fosse executado. Depois de sua morte, os católicos enfurecidos exumaram seu corpo, cremaram-no e espalharam suas cinzas pelos quatro ventos — quase um prenúncio profético da Reforma abrangente que logo despontaria no horizonte.

João Hus (1369-1415), poderoso pregador do evangelho e professor da Universidade de Praga e seguidor de João Wyclif, liderou o movimento pela reforma na Boêmia. Por causa de sua pregação inflamada, Hus foi intimado a comparecer diante do Concílio de Constância, e do infame Papa João XXIII. Ali foi condenado como herético e queimado na fogueira.

O humanista cristão, Girolamo Savonarola (1452-1498) também buscou a reforma na cidade de Florença. Miguelângelo, famoso escultor, pintor e poeta, foi ouvinte frequente do inflamado Savonarola, cuja denúncia da autoridade do papa e da corrupção da igreja resultou no seu banimento papal por Alexandre VI em 1497, e finalmente na sua morte por estrangulamento e a fogueira em 1498.

Os Irmãos da Vida Comum, dos quais Erasmo e Tomás à Kempis são talvez os mais conhecidos, buscaram a reforma dentro da Igreja através de ensino. Por volta da metade dos anos 1400 a Rainha Isabel da Espanha (mulher de Fernando) e o Cardeal Ximenes tinham efetuado grande reforma dentro da Igreja espanhola. Através de toda a Europa, vozes dissidentes fora da Igreja e um anseio por reforma dentro da Igreja Católica indicaram que um novo alvorecer estava no horizonte. A Reforma estava no ar. Esses foram os primeiros sinais de primavera espiritual.

QUESTIONÁRIO PARA DISCUSSÃO EM GRUPO CAPÍTULO 8

1. Que movimentos ocorreram paralelamente ao declínio do papado? E como esses movimentos se relacionaram com o declínio do papado?
2. Que progressão de eventos na economia e no intelectualismo surgiram das Cruzadas e em que tudo isso resultou?
3. Cite vários exploradores e vários estudiosos desta era.
4. Mencione brevemente as várias vozes da pré-Reforma que soaram na Europa através dos séculos doze a quinze. Qual foi a resposta de Roma a esses clamores por reforma?
5. Dê um exemplo de uma voz vinda de dentro do Catolicismo clamando por mudança.

CAPÍTULO 9

O FLORESCER DA REFORMA

A Reforma dos Anos 1500

O profeta Joel descreve a decadência do povo de Deus nos seus dias nestes termos expressivos: *"O que a locusta cortadora deixou, a voadora o comeu; e o que a voadora deixou, a devoradora o comeu; e o que a devoradora deixou, a destruidora o comeu... A vide secou, a figueira murchou... todas as árvores do campo secaram, e a alegria esmoreceu entre os filhos dos homens."* Esta experiência de Israel é um paralelo direto com a experiência da Igreja Cristã desde seu declínio no primeiro século até as profundezas da Idade Escura. Joel, então, descreve o anseio de Israel por restauração, bem semelhante ao anseio que encontramos através dos séculos doze a quinze no Catolicismo: "Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, entre o alpendre e o altar, e digam: Poupa o teu povo, ó Senhor, e não entregues a tua herança ao opróbrio..." E Deus respondeu, como responderia na Reforma do século XVI — "Assim vos restituirei os anos que foram consumidos pela locusta voadora, a devoradora, a destruidora e a cortadora..." E assim a Reforma começou na Alemanha, durante os anos 1500, na época do sacerdote católico Dr. Martinho Lutero.

A Reforma na Alemanha: Martinho Lutero

O jovem brilhante e irrequieto monge agostiniano Martinho Lutero fora incentivado por João Staupitz, seu dedicado vigário, a estudar as Santas Escrituras para a salvação de sua alma. Staupitz ainda o encaminhou ao Senhor Jesus Cristo como o único que poderia livrá-lo do pecado e oferecer-lhe comunhão com Deus. Depois de anos de atormentados conflitos interiores e autoanálise, enquanto lia Romanos, a paz de Deus alcançou a alma do jovem Martinho. Através de seus estudos posteriores de Paulo, Agostinho e Guilherme de Occam, ele veio a enxergar ainda mais claramente que os homens são salvos por Deus através de Jesus Cristo somente e não por suas boas obras, e que a salvação depende unicamente da soberana graça de Deus. Sob esta luz, as Santas Escrituras se tornaram a única autoridade de toda fé e prática para Lutero. A experiência e percepção espirituais de Lutero inicialmente não o levaram a romper com Roma. Ele era ainda um piedoso sacerdote católico e, como tal, seu anseio era por uma reforma dentro de sua Igreja.

O Problema da Indulgência

O Papa Leão X necessitava de grandes somas de dinheiro para completar a magnificente Catedral de São Pedro em Roma, iniciada em 1506 sob o poder do Papa Júlio II. Para conseguir o dinheiro, ele proclamou uma venda geral de indulgências. O vendedor principal de Leão era o pançudo monge dominicano João Tetzel, que viajou através da Alemanha apregoando: "Tão logo a moeda tilintar na caixinha, a alma atribulada escapará do purgatório."

Para Lutero, agora sensível à imerecida graça de Jesus Cristo pela qual os homens são livremente perdoados, esta prática profana e blasfema de vender remissão tinha de ser expurgada da Igreja. De acordo com a etiqueta acadêmica, Lutero pregou suas 95 teses contestadoras na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg na véspera do dia de Todos os Santos, em 31 de outubro de 1517, como uma base para o debate que ele teria o direito de conduzir. Como que levadas por um vendaval, dezenas de milhares de cópias destas teses circularam na língua alemã por toda a Alemanha — e assim, naquela noite anterior ao dia de Todos os Santos foi acesa uma fagulha que com o tempo tornaria toda a Europa inflamada com a reforma.

No verão de 1519, acompanhado de duzentos estudantes de Filipe Melanchthon, seu amigo de longa data e seu sucessor, Lutero apareceu em Leipzig para debater contra João Eck, professor na Universidade de Leipzig. Eck forçou Lutero a admitir que papas e concílios podiam errar e que nem toda a doutrina hussita era herética. O próprio Lutero foi imediatamente acusado de heresia hussita.

Dentro de um ano Lutero foi excomungado por bula papal tendo sido ordenado que seus escritos fossem queimados. Lutero replicou publicamente atirando a bula de excomunhão, juntamente com certos livros da lei papal, numa fogueira fora de Wittenberg. Lutero agora levantara-se como um homem livre — livre das amarras do papado romano, dos concílios e das tradições da Igreja, livre em sua consciência para receber a santa Palavra de Deus como sua única regra de fé. E parecia que toda a Alemanha estava com ele.

Em 1520 Lutero escreveu seus três tratados mais poderosos. Em um deles intitulado: "À Nobreza Cristã da Nação Alemã", Lutero fez um apelo para que toda a Alemanha se unisse contra os abusos de Roma. Em outro, "Cativeiro Babilônico da Igreja", ele atacou as doutrinas da Igreja Romana que não são bíblicas, especialmente os sacramentos extras. E em seu tratado "Sobre a Liberdade Cristã", ele enfatizou o sacerdócio de todos os crentes.

Então, em 18 de abril de 1521, Lutero foi chamado a Worms para comparecer diante de Carlos V, o jovem e novo imperador. Carlos, um católico devoto e rei da Espanha, tinha a esperança de consolidar seu fragmentado império resolvendo a questão dos protestantes cismáticos.

Em Leipzig, em 1519, Lutero havia desafiado o Papa e a Santa Igreja Católica Romana e agora, em Worms, Lutero levantou-se para desafiar o Santo Império Romano da nação alemã. Quando perguntado diante do Imperador se ele se retrataria, ele só pôde responder: "A menos que eu seja contestado e convencido pelo testemunho das Escrituras... não posso e não vou me retratar de coisa alguma... Aqui estou eu. É só o que posso fazer. Que Deus me ajude. Amém."

A posição de Lutero em Leipzig resultou em sua excomunhão da Igreja. Agora sua posição em Worms resultou em seu banimento do Império. Em todo o Império, todos foram proibidos de acolhê-lo ou de ler os seus escritos. Para salvar sua vida, Frederico o Sábio, Eleitor da Saxônia, raptou Lutero e o levou ao castelo de Wartburg. Ali ele esteve confinado por quase um ano, e durante esse tempo traduziu o Novo Testamento do grego para o idioma alemão, uma obra de suma importância para a Reforma alemã.

Na primavera de 1522, Lutero retornou escondido para Wittenberg para apaziguar os turbulentos e frenéticos ataques de um de seus antigos colegas, Karlstadt, contra os ritos e ordenanças da Igreja Católica e acalmar o zelo desequilibrado e fanático dos "profetas" de Zwickau, a respeito dos quais Lutero declarou que tinham "engolido o Espírito Santo, com penas e tudo". Lutero era um homem moderado — mas alguns achavam que ele não tinha ido suficientemente longe em sua reforma. Os conceitos de Lutero sobre a Igreja estatal, juntamente com sua incitação às autoridades civis para esmagar sem misericórdia a Guerra dos Camponeses — na qual mais de cem mil pessoas perderam suas vidas ao

se revoltarem contra as duras injustiças sociais e econômicas no campo — causou a Lutero muita impopularidade entre os camponeses, um bom número dos quais se tornou anabatista.

As Dietas (Assembleias) de Speier, em 1526 e em 1529, e finalmente a Paz de Augsburg, em 1555, concederam finalmente uma tolerância ao Luteranismo na Alemanha. Infelizmente, a partir de então o Luteranismo e o Catolicismo uniram as suas forças contra os Anabatistas — a próxima fase da restauração destinada a emergir dentro da Cristandade!

A Reforma na Suíça: Zwinglio em Zurique e Calvino em Genebra

Na Suíça, sob a liderança de Ulrich Zwinglio (1484-1531), o brilhante sacerdote humanista da grande Igreja Catedral de Zurique, a Reforma tomou um rumo mais radical do que sob a liderança de Lutero, ao abolir completamente as tradições católicas medievais — imagens, relíquias, hábitos, velas etc.

Com base nas principais verdades da Reforma (a justificação pela fé somente e a autoridade singular das Escrituras) foi estabelecida uma Igreja Reformada em Zurique, em 1522. Infelizmente a solidariedade da Reforma foi abalada quando, numa conferência em 1529, ainda que Lutero e Zwinglio concordassem sobre catorze pontos principais de teologia, não puderam concordar sobre o último ponto — a natureza da Ceia do Senhor. Apesar de ambos os reformadores rejeitarem a doutrina católica de transubstanciação, Lutero defendeu o literalismo das palavras do nosso Senhor, "Este é o meu corpo... Este é o meu sangue". Zwinglio, porém, entendeu o pão e o vinho como sendo meros símbolos que lembravam os homens da carne e sangue de Jesus. Infelizmente, por causa desta discordância, os dois se separaram amargurados.

Em 1531, quando a cidade protestante de Zurique foi atacada pelos exércitos dos cantões católicos da Suíça, o próprio Zwinglio morreu no campo de batalha de Cappel.

Genebra, na Suíça francesa, se tornou a seguir o centro da Reforma Suíça, sob a liderança do brilhante católico devoto, francês de nascimento, João Calvino (1509-1564). Genebra logo ultrapassou Zurique em influência. A maior contribuição de João Calvino para a Reforma foram suas Institutas

da Religião Cristã, a primeira exposição realmente sistemática da teologia reformada. Em suas Institutas, Calvino procurou defender os protestantes como aqueles que foram leais ao Credo dos Apóstolos. A Reforma não representou um novo credo, mas antes representou uma volta à simplicidade apostólica. A Reforma foi, com efeito, uma restauração do Cristianismo do Novo Testamento.

Em sua teologia, João Calvino era um agostiniano bem definido. Como Agostinho, Calvino definiu Deus em termos de sua soberana vontade e irresistível graça. O calvinismo chegou a nós em sua sucinta fórmula "T-I-L-I-P": Total depravação por nascimento; Incondicional eleição (Deus salva somente aqueles que ele quer); Limitada expiação (Cristo morreu somente pelos eleitos); Irresistível graça; e a Perseverança dos santos ("uma vez salvo, sempre salvo").

João Calvino trabalhou em Genebra vinte e cinco anos, divididos em dois períodos distintos. Genebra ficou conhecida não somente por sua Igreja Reformada com seu governo de forma presbiteriana, através de um colégio de anciãos (presbíteros), mas também por sua forma severa de disciplina civil, ambas atribuídas a João Calvino. Em cinco anos, Genebra, com apenas dezesseis mil habitantes, presenciou 57 execuções e 76 banimentos. Para grande descrédito da Reforma, Servetus, um famoso médico espanhol e reformador, foi queimado na fogueira por causa do seu entendimento modalista da natureza da Divindade.

A Reforma se Espalha

Enquanto o Luteranismo se espalhou para o norte saindo da Alemanha para a Dinamarca, Noruega, Finlândia, Suécia e os países Bálticos, tendo com o tempo se tornado a Igreja estatal desses países escandinavos, a Reforma Suíça de Zwinglio e Calvino se espalhou para o sul, leste e oeste, indo para a França, Países Baixos, Bélgica, Escócia, Hungria, Espanha e Itália.

Na França, apesar de severa perseguição, os protestantes tinham mais de 2.000 congregações por volta de 1560. Mas, na noite fatal de 24 de agosto de 1574, sob a direção da católica Rainha-Mãe, Catarina de Médici, cerca de vinte e dois mil protestantes foram mortos no

massacre de São Bartolomeu. O sangue dos huguenotes correu pelas ruas da França por causa da restauração da simplicidade do Evangelho — perdão dos pecados através da fé em Cristo somente, a autoridade singular das Escrituras, e o sacerdócio de todos os crentes.

A diabólica Inquisição, sob o poder do monarca católico, Filipe II da Espanha, procurou esmagar a Reforma emergente nos Países Baixos. Tornou-se comum ser decapitado e queimado na fogueira, mas os holandeses resistiram e a Reforma holandesa prevaleceu. Na Espanha e Itália, porém, as chamas da Reforma foram quase que completamente extintas pela tortura, prisão e morte na sangrenta Inquisição de 1559 e 1560 sob o poder do Papa Paulo IV. Os Valdenses do norte da Itália, porém, tendo sobrevivido à era pré-Reforma, se tornaram uma ramificação da Igreja Presbiteriana Reformada da Reforma Suíça.

Do mesmo modo, a Hungria finalmente abraçou a Reforma e, a despeito das hostilidades do Imperador Carlos V durante os anos 1500 e das severas perseguições por parte dos Habsburgos durante os anos 1600, a Igreja Presbiteriana Húngara levantou-se como uma das maiores igrejas presbiterianas, ainda que grande parte do país tenha sido no fim reconduzida ao Catolicismo pelos jesuítas.

Outros países do sul e centro da Europa — o sul da Alemanha, Polônia, Áustria e Boêmia — embora inicialmente inflamados pela Reforma, foram com o passar do tempo, reconquistados para o Catolicismo, através de repressão, matança sanguinária e dos esforços ferozes da Sociedade de Jesus, de Inácio de Loyola. Esses jesuítas foram a própria essência da Contra Reforma. Tão gritantes foram as intrigas e complôs dos jesuítas que eles acabaram sendo banidos de quase todos os países católicos romanos por interferirem na política europeia. Em 1773 o Papa Clemente XIV finalmente aboliu a Ordem por causa do escândalo. Mas, curiosamente, cerca de quarenta anos depois, em 1814, o Papa Pio VII anulou os decretos de seu antecessor e restaurou os jesuítas.

O Concílio de Trento (1545-63)

Em 1545, o Imperador Carlos V convenceu o Papa Paulo III a convocar o Concílio de Trento. Sua esperança genuína era efetuar a necessária reforma doutrinal e moral dentro da Igreja Católica e obter a reconciliação com os luteranos alemães. A Dieta de Regensburg fora

convocada quatro anos antes e produzira a surpreendente declaração: "Nós não somos justos, ou aceitos por Deus, baseados em nossas próprias obras ou justiça, mas somos considerados justos com base nos méritos de Jesus Cristo somente." Surpreendentemente, a sucinta rejeição de Lutero deste acordo de Regensburg foi a seguinte: "Os escritores papistas alegam que sempre têm ensinado o que nós agora ensinamos a respeito de fé e boas obras e que eles são injustamente acusados do contrário: desta forma o lobo se veste de ovelha até ser admitido no aprisco!" Aparentemente, reconciliação, para Lutero, era impossível e por razões que ainda veremos.

O Concílio de Trento, em seu Cânon sobre Justificação, anatematizou claramente o semi pelagianismo através de sua condenação categórica da proposta de "que o homem pode ser justificado diante de Deus por suas próprias obras, as quais são feitas ou na força da natureza humana ou através do ensino da lei, independente da graça divina por meio de Jesus Cristo". Porém, na Profissão Tridentina de Fé, publicada em 1564, na bula papal de Pio IV, o episcopado católico mais uma vez se auto definiu da seguinte forma: "Eu reconheço as Sagradas Escrituras de acordo com o sentido que a Santa Mãe Igreja tem defendido e defende, a quem compete decidir sobre o verdadeiro sentido e interpretação... Eu professo do mesmo modo que o verdadeiro Deus é oferecido na Missa, um sacrifício adequado e propiciatório para os vivos e os mortos... Eu asseguro resolutamente que há um purgatório e que as almas lá detidas são ajudadas pelas intercessões dos fiéis, do mesmo modo também que os santos que reinam com Cristo devem ser venerados e invocados, que eles oferecem orações a Deus por nós e que suas relíquias devem ser veneradas..."

Eu afirmo que o poder das indulgências foi deixado por Cristo na Igreja... Eu reconheço a Santa, Católica e Apostólica Igreja Romana como a mãe e senhora de todas as igrejas; e eu voto e juro verdadeira obediência ao Pontífice Romano, o sucessor do abençoado Pedro, o chefe dos apóstolos e vigário de Jesus Cristo... Esta verdadeira Fé Católica, sem a qual ninguém pode alcançar salvação... eu... professo e verdadeiramente defendo... voto e juro, com a ajuda de Deus, o mais constantemente guardar... até o último suspiro de minha vida..." (grifo acrescentado).

A única coisa que a Reforma do século XVI podia fazer com essas confissões do papado era rejeitá-las totalmente. Estas são as causas da divisão que continua a existir entre Roma e o Protestantismo evangélico até o presente derramamento do Espírito no século XX.

O Avivamento Católico

Já mencionamos as medidas da contra Reforma tomadas pela Sociedade de Jesus, de Inácio de Loyola, e também as medidas tomadas pelo Concílio de Trento. Os decretos doutrinários desse concílio rejeitaram clara e definitivamente as crenças protestantes, embora houvesse mudanças positivas efetuadas pelo concílio dentro da Igreja Romana. A essas medidas de Reforma e contra Reforma podemos acrescentar o Avivamento Católico na metade dos anos 1500, que produziu uma nova onda de piedade mística e devoção espiritual. Sobressaíram-se neste movimento Teresa de Jesus (1515-1582), de Ávila, e João da Cruz (1542-1591), de Fontiveros, na Espanha, e Joana Francisca Fremyot de Chantal (1572-1641), na França. Eles se caracterizaram por extrema devoção a Deus, à Igreja e aos Sacramentos.

O zelo católico por reforma também se expressou no trabalho das missões estrangeiras. O mais famoso dos missionários romanos foi Francisco Xavier (1506-1552) que chegou à Índia em 1542 e morreu dez anos depois quando estava entrando na China.

Os Anabatistas

O movimento anabatista teve suas origens em Zurique, em 1552, entre homens devotos como Conrado Grebel e Felix Manz, que se auto-denominaram simplesmente "irmãos". Eles não devem ser confundidos com os "profetas de Zwickau", mais fanáticos, mencionados anteriormente. Os anabatistas estavam convictos de que Lutero e Zwinglio não caminharam o suficiente na Reforma. Eles se opuseram ao conceito de Igreja estatal e conclamaram um retorno mais profundo à simplicidade das Santas Escrituras. Infelizmente, eles se depararam com a perseguição e a morte; e em Zurique, o próprio Zwinglio participou destes procedimentos. Na Alemanha, Lutero também incitou "o uso da espada contra eles por direito de lei". Tanto os católicos como os protestantes vergonhosamente perseguiram os irmãos anabatistas com morte cruel nos séculos vindouros.

As duas ramificações proeminentes do movimento anabatista que chegaram até nós provenientes da Reforma são os seguidores de Menno Simons, os Menonitas, oriundos dos Países Baixos; e os seguidores do chapeleiro tirolês, Jacó Hutter, os Huteristas, oriundos da Áustria, Morávia e Polônia. Através desses movimentos severamente perseguidos podemos ver o Senhor da Igreja restaurando ainda mais a simplicidade da vida cristã — batismo só de crentes, pacifismo, separação entre estado e igreja e a comunhão dos bens — sendo esse último ponto a principal característica dos irmãos huterianos. É uma pena que Lutero e Zwinglio tenham sido tão cegos em suas compreensões, tornando-se incapazes de ver esses movimentos como um passo à frente na restauração da vida da verdadeira Igreja apostólica sobre a terra — o brotar daquela raiz em uma terra seca!

A Reforma na Inglaterra

A Reforma não foi somente um movimento espiritual. Por causa dos séculos de escravidão a Roma, os reis e seus reinos consideravam a Reforma um meio de obter libertação política das reivindicações do papado Romano. E este foi o caso da Inglaterra.

O Reinado Pitoresco de Henrique VIII (1509-47)

Catarina de Aragão, filha de Fernando e Isabel da Espanha, casara-se com o irmão mais velho de Henrique VIII, Artur, que morreu antes de receber a coroa britânica. Contrariando a lei do cânon, o Papa Júlio II foi pressionado por Fernando da Espanha e Henrique VII da Inglaterra a apoiar o segundo casamento de Catarina com o Príncipe Henrique (VIII). Depois de vinte e quatro anos de casamento com Catarina, nasceram a Henrique VIII cinco crianças natimortas e somente uma filha viva, Maria, mas nenhum herdeiro para o trono britânico. Henrique e outros junto dele interpretaram isto como um julgamento de Deus por causa do seu casamento com a viúva de seu irmão.

Em 1526, Henrique VIII sentiu-se atraído por Ana Bolena, uma das damas da sua corte. Mas Ana recusou-se a ser apenas sua amante. Em 1527, através do Cardeal Wolsey, Henrique VIII fez uma petição ao papa para anular seu casamento com Catarina sob a alegação de que fora

originalmente pecaminoso. Embora talvez estivesse ao alcance do papa conceder tal dispensação, não lhe era politicamente conveniente fazê-lo, por temer ofender o sobrinho de Catarina, Carlos V, o poderoso imperador da Alemanha, rei da Espanha e defensor da Igreja Romana contra o insurgente Protestantismo Alemão. O rei Carlos simplesmente não toleraria ver sua tia sendo colocada de lado. E o papa não podia arriscar a perder sua lealdade.

Mas, apesar do papa e do imperador, Henrique VIII estava determinado a ter Ana como sua esposa. Este mesmo Henrique, que anteriormente se opusera a Martinho Lutero, ganhando assim o título papal de "Defensor da Fé", agora em 1529 permitiu que circulassem livros protestantes na corte britânica. Em 1531, Henrique acusou o clero inglês de traição por receber ordens de um poder estrangeiro. Em 1532, o Parlamento deu ao rei autoridade para abolir certos pagamentos clericais a Roma. O Parlamento também aprovou o Ato de Submissão do Clero, colocando o clero da Igreja na Inglaterra sob o controle de Henrique.

Também em 1532, o protestante Tomás Cranmer foi nomeado Arcebispo de Canterbury, e Tomás Cromwell, um fervoroso protestante, substituiu o católico Tomás More como Primeiro Ministro. Em 1533, o Ato de Restrição de Apelo foi aprovado, tornando crime um súdito britânico apelar a qualquer corte em Roma. Em janeiro de 1533, o Arcebispo Cranmer realizou secretamente o casamento de Henrique com Ana Bolena, e em maio o mesmo arcebispo reuniu a corte para declarar formalmente que o casamento de Henrique com Catarina fora anulado. Ana Bolena, a "Ana de mil dias" foi declarada Rainha da Inglaterra. Conseqüentemente, em 1534 o papa excomungou Henrique, desobrigando seus súditos de se submeterem a ele.

Em novembro daquele ano, Henrique respondeu com o Ato de Supremacia, aprovado pelo Parlamento, declarando a si mesmo "o único cabeça supremo na terra da Igreja na Inglaterra", e que "o Pontífice Romano não possui maior jurisdição, concedida por Deus nas Escrituras Sagradas, do que qualquer outro bispo estrangeiro". Em 1535 o rei aboliu os mosteiros menores. Por volta de 1540, todos os mosteiros foram abolidos e suas propriedades foram confiscadas pela Coroa. Henrique, por sua vez, vendeu grande parte destas propriedades a pessoas de sua corte,

criando assim uma nova classe média alta. Essa aristocracia recém-criada naturalmente se oporia a qualquer retorno a Roma e tornou-se assim o próprio fundamento do novo parlamentarismo e do Puritanismo.

Em 1536 foram publicados os Dez Artigos de Religião, estabelecendo as bases da Reforma Inglesa. O Arcebispo Cranmer tirou esses Dez Artigos principalmente da Confissão Luterana de Augsburgo. Em toda parte circularam cópias das Escrituras Sagradas, e os homens foram exortados a lê-las, e qualquer coisa que não fosse ensinado nelas deveria ser evitado, tais como: "peregrinações, ofertar dinheiro ou velas para imagens... e proferir orações em rosários".

O próprio Henrique VIII surgiu na história como um homem motivado principalmente por seus interesses pessoais. A fibra moral da Reforma na Inglaterra certamente não se originou dele. Sua ambição era um catolicismo reformado sob seu próprio controle. Quando, em 1539, parecia que as coisas estavam se movendo depressa demais, ele forçou o Parlamento a aprovar os Seis Artigos proibindo qualquer pessoa de ensinar doutrinas protestantes na Inglaterra. Em 1536, Henrique mandou queimar Guilherme Tyndale, o tradutor da Bíblia, em Brabant. Em 1540, este "Nero da Inglaterra" executou também Tomás Cromwell e aprisionou o Bispo Latimer. Muitos outros que lhe resistiram, tanto católicos como protestantes, foram executados. Ele morreu em 1547.

O Breve e Juvenil Reinado de Eduardo VI (1547-1553)

Eduardo VI, filho de Jane Seymour (terceira esposa de Henrique) tinha apenas dez anos de idade quando sucedeu seu pai, Henrique VIII, em 28 de janeiro de 1547. Ele fora educado na fé da Reforma pelo Arcebispo Cranmer e foi assessorado por um hábil conselho de pensamento protestante. Consequentemente, a Reforma deu grandes passos à frente sob seu breve reinado de seis anos. Em 1547, as leis de Henrique sobre heresias e traições, incluindo o Ato dos Seis Artigos, foram revogadas.

Pela primeira vez, foi legalmente concedida liberdade de imprensa e de expressão. Em março de 1549, o Primeiro Livro de Oração, preparado pelo Arcebispo Cranmer, foi autorizado para a Igreja da Inglaterra, e em 1552 surgiu um Segundo Livro de Oração revisado e com ele uma Confissão de Fé, os Quarenta e Dois Artigos, o credo oficial da Igreja da Inglaterra.

O próprio povo inglês ainda estava com seus sentimentos divididos. Havia ainda fortes reações católicas que se manifestariam sob o reinado da Rainha Maria. Por outro lado havia aqueles que sentiam que a Reforma na Inglaterra não caminhará o suficiente. Esses puristas, ou Puritanos, queriam moldar a igreja inglesa segundo o Protestantismo Calvinista continental e posteriormente dariam a sua contribuição ao processo da restauração da Igreja à medida que ela continuava a emergir de seus longos anos de Cativo Babilônico.

O Reinado Infeliz de Maria Tudor, “a Sanguinária” (1553-58)

Maria Tudor, a única filha viva de Henrique VIII e Catarina de Aragão, sucedeu Eduardo VI em 1553. Ela era católica fanática como a mãe, com fortes laços espanhóis, e seu grande alvo era retornar a Inglaterra à Igreja Católica. Seu casamento em 1554 com Filipe II da Espanha, filho do Imperador Carlos V, contrariou grandemente o povo da Inglaterra, que sentiu desse modo desvanecer sua soberania como nação. A primeira assembleia do Parlamento sob o poder de Maria revogou os atos de reforma, tanto de seu pai, Henrique VIII, como de seu irmão por parte de pai, Eduardo VI. Os famosos bispos protestantes, Cranmer, Ridley, Coverdale, Hooper e Latimer foram presos em pouco tempo. Em fevereiro de 1555, o bispo puritano Hooper foi queimado em Gloucester.

Em outubro do mesmo ano, os bispos Ridley e Latimer foram queimados em Oxford por negarem a transubstanciação e a missa. As famosas últimas palavras de Latimer foram: "...nós acenderemos neste dia, pela graça de Deus, uma tocha na Inglaterra que nunca será apagada". Em março do ano seguinte, o Arcebispo Cranmer foi queimado na fogueira em Oxford. Ele tinha por um momento se retratado debaixo de indescritível pressão, mas na manhã de sua morte ele testemunhou firmemente diante de seus inimigos estar arrependido de sua falha. Diante da fogueira flamejante ele segurou a mão que assinara sua retratação nas chamas até ser transformada em cinzas.

Em seu breve reinado de cinco anos, nada menos de 290 mártires foram queimados na fogueira por causa da fé no Evangelho de Jesus Cristo. No fim Maria Tudor ficou tragicamente só — sofrendo oposição de seu povo, odiada por seu marido e até mesmo em divergência com seu papa, cuja causa ela defendera com tanto zelo.

O Reinado de Isabel (1558-1603)

Isabel, filha de Henrique VIII e Ana Bolena, sucedeu "Maria, a Sanguinária" em 1558. Ela reinou por 45 anos em favor da causa protestante. Embora pudesse provavelmente ter favorecido o catolicismo, ela foi forçada a depender do apoio protestante para o seu reinado. O papa, que nunca aceitara o divórcio de Henrique VIII e Catarina de Aragão, rejeitou-a como bastarda e favoreceu sua prima Maria, Rainha da Escócia, como herdeira legal ao trono da Inglaterra. Em 1559, sob o Ato de Supremacia, a Igreja da Inglaterra foi arrancada novamente das mãos do papa e colocada sob o controle da Coroa Britânica. Sob o Ato de Uniformidade, o Segundo Livro de Oração de Eduardo VI foi aceito como a liturgia aglicana padrão.

Isabel, no processo de servir seus próprios interesses, aparece na história como um misto de bondade e de maldade. Embora ela odiasse Roma, odiava igualmente João Knox, o reformador escocês. Embora defendesse os princípios da Reforma (muitas vezes com a motivação de proteger seu próprio trono), ela se opôs aos puritanos, enforcing vários de seus propagandistas. Ainda que Roma tivesse tentado de toda maneira concebível retomar seu domínio na Inglaterra, a espinha dorsal de sua intriga foi finalmente quebrada com a derrota da Armada Espanhola de Filipe na costa da Inglaterra. Consequentemente, durante o reinado de Isabel a Reforma Inglesa foi permanentemente solidificada.

A Reforma na Escócia

A Reforma na Escócia aconteceu principalmente através dos trabalhos vigorosos do sacerdote católico, João Knox (1505-1572). O solo da Reforma Escocesa, porém, tinha sido bem preparado por outros. Através de seus viajantes e estudantes no continente e na Inglaterra, a Escócia já tinha sido bastante influenciada pelos ensinamentos dos "Lollards" de Wyclif, do mártir boêmio João Hus e de Guilherme de Occam. Agora as ideias e ideais luteranos fluíam para a Escócia em contraste total com as notórias depravações surgidas no meio do clero católico.

Um dos porta-vozes desta nova ideologia luterana, o canonizado Patrício Hamilton, foi cruelmente queimado na fogueira em St. Andrews em 1528 por ordem do Arcebispo Romano Beaton. Seguiu-se uma inquisição para erradicar a heresia protestante. Em 1546 o devoto pregador do Evangelho e sacerdote convertido, Jorge Wishart, foi queimado na fogueira pelo Cardeal Romano Beaton, sobrinho do Arcebispo. Logo depois o próprio Cardeal foi brutalmente assassinado pela resistência e seu corpo foi pendurado na janela de St. Andrews.

Por volta de 1547, João Knox surgira como um poderoso pregador protestante, mas foi exilado pelos católicos e feito escravo em uma galera por dezenove meses. Depois de sua libertação, ele fugiu para a Inglaterra por cinco anos, mas quando a católica "Maria, a Sanguinária" subiu ao trono inglês ele fugiu para Frankfurt e depois para Genebra, onde se tornou um fervoroso discípulo de João Calvino. Enquanto isso, a situação na Escócia continuou a fermentar em oposição a Roma.

Não é possível entender a Reforma escocesa sem entender algo sobre a tensão política que dominava a Escócia, encurralada entre o trono francês católico e o vacilante trono inglês (ora protestante, ora católico). Tanto a França como a Inglaterra procuraram governar a Escócia. João Knox era fervorosamente anticatólico e anti-francês.

Em 1557, vários nobres escoceses cortaram seu relacionamento com a Igreja Católica e se comprometeram a "estabelecer a abençoadíssima Palavra de Deus e Sua Congregação". Em 1559, Knox voltou à Escócia. Na primeira vez que foi a St. Andrews e pregou seu primeiro sermão, o povo declarou a seu respeito: "Outros homens serraram os ramos do papado. Este homem deita seu machado ao tronco da árvore." E Knox zelosamente fez isto, declarando que a Igreja Romana de seus dias era a "Sinagoga de Satanás", e que o papa era o "anticristo".

Aonde quer que fosse, sua pregação acendia uma revolta aberta e alastrante contra a Igreja Católica Romana. Os franceses procuraram interferir usando a força para dominar a rebelião, mas foram forçados a se retirar em 1560, quando a Rainha da Inglaterra enviou seu exército para intervir, deixando o governo da Escócia nas mãos do Conselho de Lordes. Em 1560 o Parlamento Escocês proclamou oficialmente a fé Reformada como a religião da Escócia sob a Confissão Escocesa Calvinista. A Reforma triunfaria na Escócia.

Como vimos, dentro de cinquenta anos a Reforma florescera por toda a Europa continental e Ilhas Britânicas. Uma geração de homens e mulheres tinha sido profundamente tocada pelo dedo do Deus Todo-Poderoso. E o Senhor iniciara a restauração de sua igreja gloriosa.

QUESTIONÁRIO PARA DISCUSSÃO EM GRUPO CAPÍTULO 9

1. A Reforma alemã aconteceu principalmente através de quem? Que verdades nasceram claramente no coração deste homem por iluminação divina?
2. Que questão crítica em Wittenberg desencadeou a Reforma alemã?
3. Discuta como a visão limitada de Lutero serviu apenas para criar a necessidade de outros prosseguirem na Reforma.
4. A Reforma suíça aconteceu através de quem principalmente? Dê datas e lugares.
5. Que questão singular destruiu a unidade da Reforma Europeia?
6. Comente rapidamente a teologia de Calvino na forma como tem chegado a nós hoje. Que ponto ele procurou provar em suas Institutas?
7. Mostre a dupla difusão geográfica da Reforma. Em que regiões a Reforma foi esmagada? Que meios o Catolicismo usou para combater a Reforma?
8. Que é um anabatista? Fale das origens deste movimento (datas, lugares e líderes) e a visão de Lutero e Zwinglio sobre ele.
9. Exponha brevemente o aspecto da motivação política da Reforma Inglesa sob o poder de Henrique VIII.
10. Descreva os eventos principais da Reforma Inglesa ao se desenrolar sob o poder de Henrique.
11. Descreva a virada dos sentimentos de Henrique, quando, no fim de seu reinado, sentiu que a Reforma estava progredindo rápido demais.
12. Descreva os grandes avanços feitos pela Reforma durante o reinado de Eduardo VI. Quem eram os Puritanos?
13. Descreva o retrocesso da Reforma durante o reinado de Maria Tudor.
14. Explique o principal motivo pelo qual Isabel apoiou a Reforma.
15. Principalmente através de quem aconteceu a Reforma Escocesa? Que ramo da Reforma mais o influenciou?